



Rio de Janeiro, 14 de outubro de 1996

JORNAL DO CENSO

Informativo do IBGE sobre os Censos 96

Divisões de Pesquisa do IBGE avaliam coleta

A chefe da Divisão de Pesquisa (Dipeq) do Espírito Santo, Jussara Rieveres, e o chefe da Dipeq do Amazonas, José Maria Serrão, avaliam a coleta nos seus estados, mostram como conseguiram superar as dificuldades iniciais para realizar as pesquisas e dão sugestões para o Censo do ano 2000.

PÁGS. 6 E 7

Notas

- ✓ Criação do "Incentivo-Setor" aumentará ganhos de recenseador com a coleta.
- ✓ O Censo também tem seu lado engraçado. Divirta-se com os casos dos recenseadores baianos.
- ✓ Recenseador de Juiz de Fora evita roubo na residência de entrevistado.

PÁG. 3

Censo na História

As três faces de um censo

Uma viagem no tempo mostra três lados do recenseamento de 1950: a sensível visão de uma famosa jornalista que foi entrevistada pelo censo, trechos do diário de um recenseador jesuíta que teve até que pendurar nas árvores os questionários que se molharam no percurso, e a entrevista com um funcionário do IBGE que viajou para conhecer como era o censo em outros países.

PÁGS. 4 E 5

Histórias do Censo

Humorista encarna figura de recenseador e quer mostrar um país melhor

Os Censos estão na boca do povo, segundo os humoristas do programa Casseta & Planeta, da Rede Globo, e por isso, o tema mereceu atenção especial.

Hélio de La Peña, um dos integrantes do grupo, conta como foi a experiência de se fazer passar por um recenseador que melhorar a cara do Brasil.

PÁG. 8

Linha Direta

O recenseador pode permitir que o entrevistado preencha os questionários do Censo? O que fazer com os recenseadores que estão lentos na coleta? Saiba as respostas da equipe técnica do IBGE para essas questões.

PÁG. 2





Linha Direta

“Essa semana fui pegar minha correspondência e tive a surpresa de encontrar um questionário do Censo Populacional na minha caixa de correio para ser preenchido e devolvido na portaria. Segundo o porteiro, esse foi um pedido do recenseador, que solicitou que o procedimento fosse adotado para todos os apartamentos do edifício. Gostaria de saber se o pesquisador agiu corretamente, uma vez que ele sequer tentou um contato com os moradores”.

Recenseada, Rio de Janeiro

De maneira alguma. A forma correta de coletar as informações é através da entrevista direta com o informante. O recenseador deveria tentar marcar previamente a entrevista com os moradores, no caso de estar com dificuldade de encontrá-los. Os moradores não devem preencher questionários, em nenhuma hipótese, pois isso é um dever do recenseador. Agradecemos o seu alerta e informamos que já foram tomadas as providências junto à agência responsável por sua região para solucionar o caso.

Muito Obrigado!

O Jornal do Censo reserva um lugar especial para agradecer a todos aqueles que vêm contribuindo para o sucesso dessa publicação com suas histórias e sugestões: Carlos Alberto Martins - RJ, Elizete Paixão Giroto - PR, Carlos Roberto de Toledo - MG, Ana Karla Alves do Monte - PE, Hélio Caetano - PB, Domingos Martins - ES, Posto de Coleta de Santo Estevão - BA, Renilton José Lino - GO e os Supervisores de Ivaiporã - PR.

“Gostaria de saber por que as pessoas menores de quatro anos não são contempladas no questionário do Censo Populacional. Eles não serão contados?”

Recenseador, Paraíba

A sua pergunta merece atenção especial. O acompanhamento dos trabalhos da coleta do Censo Populacional revelou que, logo no início da operação, em algumas regiões, os recenseadores estavam excluindo os menores de quatro anos da pesquisa por uma interpretação errada da forma de preenchimento do questionário. Na verdade eles só não participam do quesitos 5, 6, 7 e 8 do questionário, devendo sempre estar incluídos nas demais respostas.

“Sou supervisor nessa capital, no bairro de Turu, e sempre leio o Jornal do Censo. Isso quando ele consegue chegar até aqui! Gostaria de saber o que devo fazer com aqueles recenseadores cujos trabalhos estão lentos?”

Supervisor, Maranhão

Certamente você deve ter outros recenseadores com um melhor ritmo de trabalho. Sendo assim, a sugestão é tirar os setores daqueles que estão com um desempenho insatisfatório e redistribuir entre os recenseadores que estão terminando seus setores. Essa também é uma boa forma de reconhecer e estimular quem está tendo um desempenho eficiente na coleta.

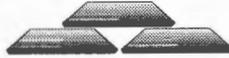
“Sou supervisor em minha cidade e tenho encontrado dificuldades para realizar o trabalho pois, por coincidência, a prefeitura realizou um censo em janeiro deste ano. Já ocorreram casos de eu perguntar se a casa foi recenseada e o morador responder que sim. Depois verifico no posto que não. Por que então não é criado um selo adesivo do IBGE, com determinação para ser colado em um ponto da porta de entrada da residência, como forma de identificação?”

Supervisor, São Paulo

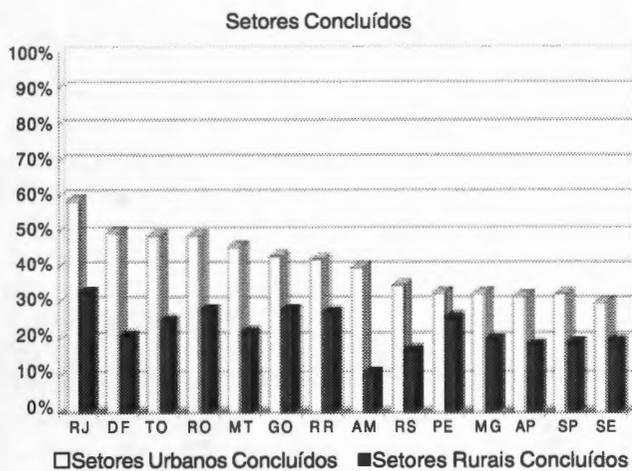
Não temos informações sobre esse censo a que você se referiu realizado pela prefeitura da sua cidade. Quanto à criação de um selo de identificação, já havíamos pensado nessa possibilidade. Em outra ocasião, essa alternativa foi tentada sem sucesso, pois a população não aceita facilmente ter qualquer tipo de marcação na porta de seu domicílio, o que é perfeitamente compreensível nos tempos atuais. Além disso, é uma violação da Constituição. De qualquer forma, agradecemos a sugestão e vamos pensar numa solução mais adequada.

As cartas são respondidas pelas áreas técnicas do IBGE e deverão ser enviadas para a redação do **Jornal do Censo** por fax, e-mail, ou correio. Os endereços estão no expediente.

Ranking dos Censos



Com base no Sistema de Acompanhamento da Coleta de 07/10, o IBGE criou um gráfico que dá um panorama das unidades da federação com os maiores números de setores de coleta concluídos. Veja o resultado, observando que a apresentação é feita em ordem crescente de percentuais de setores da zona urbana concluídos.



Nova resolução aumentará ganhos de recenseador

O Incentivo-Setor é uma nova resolução do IBGE que aumentará bastante os ganhos dos recenseadores com a coleta. O valor será calculado com base na produção realizada nos setores já concluídos pelo pesquisador e pode variar de 20% a 40%, dependendo do número de setores finalizados. O pagamento do incentivo será feito junto com a remuneração normal do recenseador. Mas, atenção! O benefício só é válido a partir do segundo setor concluído, após 8 de outubro.

O lado cômico do Censo

O recenseador, no decorrer da entrevista, perguntou quantos moradores trabalhavam no estabelecimento. O proprietário olhou para sua prole numerosa e disse: "Do menor ao mais véio, todos *trabaiam*". De repente, olhando para um dos filhos sentado a um canto, esbraveja: "Só esse vagabundo, com 15 anos de idade, é que não quer fazer nada!" E, partindo para o infeliz, deu-lhe a maior surra.

Posto Censitário, Euclides da Cunha - Bahia

Herói por acaso

Num dia aparentemente normal de trabalho, o recenseador Luiz Gustavo Fraga foi personagem de um episódio dos mais interessantes, em Juiz de Fora, Minas Gerais. Na sua segunda tentativa de recensear um determinado domicílio, ele chegou ao local e, após apresentar-se, foi recebido por uma senhora muito gentil, que o tratou com um carinho fora do normal e disse: "Ah, então foi você que esteve aqui no último sábado e salvou a pátria?"

Naquele referido sábado, o apartamento tinha sido invadido por um assaltante. Segundo viram três testemunhas, o bandido se assustou quando Luiz Gustavo bateu à porta e fugiu levando somente uma mala com algumas roupas, cinco minutos depois que o recenseador desistiu, por achar que não havia ninguém para recebê-lo.

Comunicado aos coordenadores, agentes censitários municipais e supervisores

Manter os recenseadores motivados para o trabalho e incentivá-los a pegar novos setores é dever dos supervisores e agentes censitários municipais.

O recebimento rápido da remuneração é, sem dúvida, uma boa fonte de motivação. Assim, é da máxima importância que os setores encerrados sejam prontamente liberados para pagamento. Para tanto, é preciso que supervisores e agentes de coleta municipal acompanhem de perto o desenrolar da coleta, identificando possíveis erros conceituais, verificando a perfeita cobertura da área, analisando a qualidade dos questionários preenchidos e fazendo novamente as "reentrevistas" para, ao final da coleta no setor, rapidamente proceder às críticas finais e liberar as planilhas de pagamento.

Liberar setor para pagamento não significa, necessariamente, aguardar a conferência dos parâmetros de avaliação da coleta, conforme definido pela Diretoria de Pesquisas.

O setor pode ser liberado para pagamento, antes da avaliação da coleta, se:

- o recenseador for continuar trabalhando em outro setor;
- a supervisão foi feita ao longo da coleta, os problemas identificados foram sanados e o supervisor, após a análise dos questionários, considera o trabalho executado pelo recenseador de boa qualidade;
- as "reentrevistas" não apontaram omissões ou inclusões indevidas de domicílios e pessoas;
- a supervisão não detectou falha na cobertura da área do setor.

Caso a aplicação dos parâmetros da avaliação da coleta indique distorções nos dados coletados e seja necessário revisar o trabalho, possíveis alterações nas quantidades informadas na planilha de pagamento poderão ser acertadas posteriormente e se houver débitos ao recenseador, estes, poderão ser descontados no pagamento seguinte.



As várias faces de um recenseamento

São raras as oportunidades na vida onde é possível ouvir todos os lados de uma história. Normalmente, tem-se uma versão: a de quem conta. Na melhor das hipóteses, duas versões, quando se ouve um outro personagem do fato. E ninguém discute o quanto pode ser proveitoso ver o outro lado da moeda, ou seja, conhecer e comparar as várias faces de uma mesma história.

Nesse número, o leitor vai ter a chance de viajar no tempo, mais precisamente para 1950, e conhecer três lados do Censo da época: a visão de uma entrevistada em relação à pesquisa, trechos do diário de um recenseador e uma entrevista atual com o funcionário do IBGE, então responsável pela parte operacional do recenseamento.

Jornalista revive sua história ao responder pesquisa

O artigo abaixo foi publicado pelo jornal *Tribuna da Imprensa* em 04.07.50.

Recenseamento

Maluh de Ouro Preto

No dia primeiro de julho, cumprimos obedientemente nossas obrigações em relação ao Recenseamento de 1950. Lemos as instruções e preenchemos os 25 quesitos do Boletim da Família, do Censo Demográfico, do Serviço Nacional de Recenseamento, do Conselho Nacional de Estatística, da Presidência da República. O importante documento está agora à espera do mesmo moço que o trouxe. Um mocinho magro, de ar melancólico, com um terno surrado, que graças a alguma intervenção divina, obteve entre milhares de candidatos o ambicionado posto de recenseador.

À primeira vista o questionário parece simples, quase sem importância. Uma lista de informações precisas: nome, nacionalidade, idade, cor, estado civil, religião, instrução, ocupação. A pessoa vai respondendo de-

pressa, sem pensar muito, sem perceber que assim em cinco minutos, em 25 linhas, resumiu a vida inteira, contou a própria história. O conjunto de circunstâncias, fatores, decisões, imprevistos, alegrias e lágrimas, tudo enfim, que nos fez o que somos, reduzido a uns poucos dados nítidos e concretos, os caracteres identificantes e categorizantes. Uma fria enumeração de termos apropriados, que nada deixa transparecer do que se fez e sentiu até atingi-los. Os detalhes, pormenores e sonhos não interessam, pois o fim do

Tribuna da Imprensa



Maluh de Ouro Preto

recenseamento é simplesmente verificar quantos somos no Brasil. O chefe de família assina e responsabiliza-se pelas declarações de seus dependentes e quem não é chefe de família nem sequer dá o sobrenome...

Mas, depois de escritas as respostas que, previne o boletim, têm um caráter confidencial, surgem inesperadas e imensas as perguntas que não foram feitas, surgem as lembranças e a simples folha de explicações transforma-se num pedaço de nós mesmos... Nascimento em tal lugar, cidade, lugarejo, praia, favela ou palacete, visão dos tempos de infância, de horas

doces de folguedos, de vozes carinhosas que não existem mais. Tantos anos de idade; a vida em princípio, no meio ou no fim: vale a pena viver? Confia no futuro? Arrepende-se das coisas que fez, ou das que não fez? Cor preta, branca ou parda (não usar a expressão "morena"). É bonita? Gosta do seu tipo? Queria ser loura? Mais alta, mais baixa, preferiria ter os olhos azuis? Estado civil: casada, solteira, viúva; realizou seus sonhos de amor? Amou? Ama? É amado? Não casou, por quê? Não quis ou conserva alguma lembrança, saudade de algum sorriso? Instrução elementar, média ou superior, colégios de freiras, escolas públicas, universidades, faculdades, matemática, história, metafísica, direito internacional, ainda sabe o que estudou ou já se esqueceu? Estudava bem? Foi a primeira ou a última da classe? "Não sei ler", disse uma modesta empregada, "mas estou aprendendo". E o jovem ambicioso recorda os tempos em que para estudar à noite trabalhava de dia. Religião; católica, protestante, tem fé? Acredita no céu? Cuida da sua alma ou esquece-se de que foi criado à imagem e semelhança de Deus? Carreira, profissão, ocupação principal; trabalha muito? Pouco? Gosta do que faz? Trabalha porque acha que todos devem trabalhar ou porque precisa ganhar dinheiro? Seguiu sua vocação? Luta muito? É boa dona de casa? Cerze meias e faz fila para a carne? Serve um ideal ou não tem idéias? E acima de todas, invisível, mas aparente, a pergunta máxima, a de mais difícil resposta: É feliz? Acredita na felicidade?

Mas essas coisas todas não transparecerão a olhos estranhos. São só para nós mesmos... Afinal, o mocinho de terno surrado e ar tristonho, o sério recenseador, não precisa saber se tenho olhos castanhos, se fui boa ou má aluna e se sou ou não feliz... Basta-lhe ler: Maria Luisa, maior de 21 anos, natural do Distrito Federal, brasileira, solteira, católica, jornalista e de instrução universitária... O resto é meu.

Diário revela a fome e a dor de um voluntário do Censo

Os trechos abaixo foram extraídos do diário do Padre José, missionário jesuíta que se ofereceu como voluntário para o recenseamento no Acre, em 1950.

"Dia 28 - Às 16h30min cheguei à palhoça de onde saíra às 5 da manhã: onze horas de viagem para recensear duas barracas. Minha perna está muito inflamada e a febre chegou quase aos 39 graus. Passei o dia todo dentro da água ou debaixo do aguaceiro.

"Dia 29 - Naufragou minha embarcação. O Nestor (meu companheiro) gemeu a noite toda com febre e frio. Levantei-me ainda escuro, o corpo moído. Lavei o rosto e ao descer ao rio notei com espanto nosso barco, o "Carneiro", submerso até a tolda, somente com a popa de fora. O que havia dentro do barco estava boiando ou perdido. Felizmente, na bagagem havia meio quilo de linha americana, uns ses-

seta metros. Pude pescar os formulários encharcados e estiquei a linha, pendurando nela a papelada. Estendi junto nossas roupas. Às 2 da tarde pude arrumar tudo e embarcar o restante da 'macumbagem' (miudezas). Acomodei o Nestor e começamos a baixada rumo ao primeiro seringal. O rio está impraticável, cheio de obstáculos. Logo às 17h30min escureceu e caiu forte chuva com vento. Diminuí a velocidade do motor e, guiando-me pelo barulho dos ramos nos balaústres, fui descendo. Muito frio quando chegamos à cabana às 7 da noite. Fome e cansaço a valer, desde a manhã sem comer e sem um gole ao menos de cachaça para beber. Beberia de bom grado... Subi o porto com dois sacos às costas, o carbureto aceso e as roupas. Nestor, ainda com muita febre, trazia apenas a rede e um saco pequeno. Chegamos à barraca. A escada de quatro paus roliços está enlameada e escorregadia. Além de tudo, não está pregada. Pisei no primeiro degrau e ela fugiu, jogando-me

de costas no chão. Bati fortemente a cabeça e sobreveio violenta dor. As lágrimas rolavam involuntariamente. Tomamos um pouco de café sem açúcar e tentei repousar. Fome para valer e nenhum recurso para satisfazer os justos anseios do estômago. Mais um dia plenamente censitário... Humanamente falando, infernal...

"Dia 30 - Levantei-me às 7 da manhã, mais morto que vivo. Arranjamos três canas que, torcidas à mão, deram o caldo para adoçar o café que sobrara na véspera. O rio não dá peixe, com a enchente; metime no mato, com febre alta e a espingarda. Matei um inambu que salvou a situação. Passar o que estou passando de fome nessas paragens não é certamente um convite à obesidade. São já 23 dias de febre, tomando chuva diariamente, passando fome, sem recursos sanitários - isto também não é um convite à vida longa. Até hoje, já tomei 75 atenebrinas."

Intercâmbio para um Censo melhor

A história do advogado Paulo de Mesquita Lara, 82 anos, se confunde com a própria história do IBGE. Durante 15 anos, ele foi funcionário da instituição e no final da década de 40, ele e o amigo Tulo Montenegro, que mais tarde viria a ser o diretor técnico da instituição, viajaram para os Estados Unidos com o objetivo de fazer um intercâmbio e estudar a reestruturação da organização do Censo de 1950 no Brasil.

"Ficamos lá por quase um ano e quando voltamos, foi criado o Serviço Nacional de Recenseamento", lembra Paulo, que se tornou diretor administrativo do IBGE.

Na viagem aos Estados Unidos, que incluiu também passagens pelo México e Canadá, Paulo e Tulo fizeram um estágio no *Bureau* do Censo dos E.U.A e na Comissão de Serviço Civil. O objetivo era fazer um intercâmbio e aprender técnicas para melhorar a maneira de realizar a pesquisa, além de procurar novas formas de administração. "O que mais nos surpreendeu é que eles não estavam tão adiantados como imaginávamos. Até

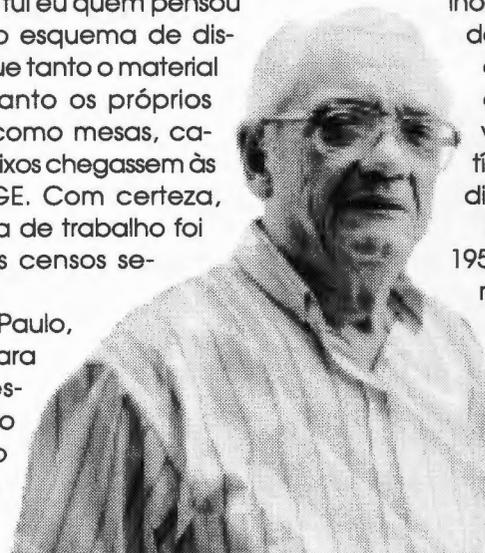
porque lá os estados têm uma autonomia muito maior do que no Brasil. Foi na parte técnica, isto é, na elaboração e metodologia de pesquisa, que o intercâmbio foi maior", diz Paulo.

Mas os conhecimentos adquiridos na área administrativa não só ajudaram a operacionalizar o Censo de 1950, como também serviram de base para a criação da logística para distribuir materiais e equipamentos pelos municípios de todo o País, para que o censo pudesse ser realizado naquele ano. "Na época, ainda eram cerca de 3 mil municípios e fui eu quem pensou e realizou todo o esquema de distribuição, para que tanto o material de pesquisa quanto os próprios equipamentos, como mesas, cadeiras e arquivos fixos chegassem às agências do IBGE. Com certeza, essa metodologia de trabalho foi aproveitada nos censos seguintes", explica.

Na opinião de Paulo, as dificuldades para realizar uma pesquisa de âmbito nacional como o censo sempre existem, apenas mudam em fun-

ção da época. Isso tanto para vencer a população da importância da pesquisa, quanto para pôr a operação em prática. Ele justifica que, em 1950, as pessoas tinham medo porque achavam que o recenseamento tinha fins de investigação para recrutamento militar ou arrecadação de impostos, e a propaganda não tinha o poder de penetração que tem atualmente. A precariedade dos meios de comunicação e de transportes também eram empecilhos no bom andamento dos trabalhos. Mas o maior mérito do IBGE, segundo ele, foi a uniformização dos critérios, já que existiam vários órgãos de estatística, fazendo as mais diversas pesquisas.

Depois do Censo de 1950, Paulo Lara permaneceu no IBGE por mais três anos, quando saiu para trabalhar como auditor no Ministério da Fazenda. Mas aí, sua passagem já estava marcada na história da instituição.



Paulo Lara

Vencendo as barreiras

Após dois meses de coleta, muitos problemas tiveram que ser superados para os trabalhos estarem no ponto em que estão. Um pouco menos adiantada do que se esperava, a coleta talvez se estenda além do prazo inicial de 30 de outubro. Mas, realizar dois Censos simultaneamente, com um único recenseador para as duas pesquisas, é uma experiência totalmente nova para o IBGE, sem história anterior, e que servirá de referencial para as próximas operações.

Para falar do andamento desta pesquisa e dar sugestões para o próximo censo, no ano 2000, a redação entrevistou a chefe da Divisão de Pesquisa (Dipeq) do Espírito Santo, Jussara Rieveres, 44 anos, no seu segundo censo em 17 anos de IBGE, e o chefe da Dipeq do Amazonas, José Maria Serrão, 46 anos, no seu sexto censo em 28 anos de Instituto. Eles são os responsáveis pelos Censos no Espírito Santo e Amazonas. Dois estados situados em regiões do Brasil com características bem diferentes, que exigiram soluções adequadas a cada realidade para que o Censo acontecesse.

Jornal do Censo - Como está a coleta dos Censos na sua região?

Jussara Rieveres - De um modo geral, a coleta está mais lenta do que imaginávamos. Nossa estratégia no Espírito Santo foi de atacar primeiro o Censo Agropecuário, onde já temos 32% da coleta concluída, mas acredito que vamos ultrapassar um pouco o prazo previsto. Devemos estar encerrando as duas operações, rural e urbana, em novembro.

José Maria Serrão - Apesar do atraso no início e das difíceis condições da região, o Censo vai bem. Até 15 de novembro, no máximo, a coleta no Amazonas vai estar encerrada.

JC - Quais as principais dificuldades dos Censos na sua região?

Jussara - Acho que a principal dificuldade é a desistência dos recenseadores. Acredito que seja porque o perfil da equipe deste Censo é diferente. São pessoas mais jovens, com nível social mais alto e que dedicam menos tempo à coleta, porque têm outras atividades e não há perspectiva de continuarem na Instituição após a pesquisa.

Outro fator que também considero ter contribuído para a lentidão da coleta é o aumento do trabalho administrativo nas agências. Por exemplo, agora a agência é encarregada de renovar os contratos que venceram do pessoal da coleta. Esses contratos vencem a cada 30 dias. Fora os pedidos de diárias, suprimentos, enfim

tadores da operação. Tivemos problemas para selecionar candidatos para recenseador, por exemplo, e um alto grau de desistências. Existem várias agências em que um único chefe responde por todas as tarefas.

A falta de recursos humanos no IBGE local também preocupa. No censo de 91, eu contava com 89 funcionários efetivos para todo o Amazonas. Este ano, temos 62 funcionários, incluindo serventes, auxiliares de enfermagem e até mesmo contando as pessoas de licença. Por fim, a burocracia emperra o Censo. No meu caso, não adianta ter a verba se não tenho como distribuí-la em tempo hábil. Dos 62 municípios do Amazonas, somente em 15 encontramos agências do Banco do Brasil. No restante, temos que criar métodos de distribuição alternativos.

“Com mais autonomia, recursos liberados a tempo e treinamentos com antecedência, os Censos seriam ainda melhores”

José Maria Serrão, chefe da Dipeq do Amazonas.

novas atribuições que antes eram responsabilidade das Dipeqs.

José Maria - Trabalhar no Amazonas é diferente de trabalhar no restante do País. A extensão do território, a dificuldade de transporte e a falta de mão-de-obra adequada são grandes dificul-

JC - Que iniciativas a sua Divisão de Pesquisa tomou para superar essas dificuldades?

Jussara - Nós colocamos funcionários do IBGE como coordenadores de área, cuja função é acompanhar as pesquisas em andamento. Essa convivência dos funcionários

do IBGE com o pessoal da coleta é muito rica, porque nossa equipe é comprometida com o objetivo e entusiasmada com o trabalho. Desta forma, conseguimos incentivar a produção dos recenseadores e demais contratados e conscientizá-los da importância do Censo.

Semanalmente, geralmente às segundas-feiras, fazemos também uma reunião com esses coordenadores de área para estabelecermos uma linha comum de pensamento. Costumo dizer que, se temos que errar, que façamos os mesmos erros no estado inteiro, porque na hora de corrigir fica bem mais fácil do que se fossem vários erros diferentes.

José Maria - Tivemos que fazer algumas adaptações. Por exemplo, nos municípios onde não houve número suficiente de inscritos para o teste seletivo, ou pior, quando parte dos inscritos não compareceu para fazer a prova. A solução foi remanejar o excedente de Manaus e de outras cidades para esses locais, mediante a aceleração prévia do recenseador de ser transferido.

Na época do treinamento, houve um outro caso importante. A falta de agências bancárias em todos os municípios obrigava o instrutor a levar dinheiro vivo para pagar a ajuda de custo dos treinandos. O problema é que o valor ultrapassava o máximo permitido por lei para o suprimento de fundos. Tivemos que providenciar a assinatura de uma portaria criando um suprimento de fundo especial para o Censo, que aumentaria o limite para que o instrutor não tivesse que fazer várias viagens

transportando dinheiro. O triste é que essa portaria só foi assinada dia 10 de julho deste ano.

Subdividimos o Amazonas em 22 áreas, onde funcionários do IBGE acompanham os trabalhos dos Censos e controlam a qualidade da coleta.

JC - Quais as principais diferenças em relação aos censos anteriores?

Jussara - A principal diferença está no fato desta ser a primeira vez em que as duas operações - o Censo Populacional e Agropecuário - são realizadas de forma conjunta,

“Assumo este Censo como um desafio e acho uma questão de honra ter bons resultados, mas reconheço que é uma tarefa difícil”

Jussara Rêveres, chefe da Dipeq do Espírito Santo

utilizando-se o mesmo recenseador para as duas pesquisas. Trata-se de uma experiência nova, para todos no IBGE. Assumo o desafio e vejo como uma questão de honra ter bons resultados, mas reconheço que é uma tarefa difícil. Outro dado importante é que o tempo para preparação deste Censo foi bem menor do que os anteriores e muita coisa estamos aprendendo com o desenrolar da operação.

José Maria - Tirando a parte tecnológica, que dá maior controle à operação, o resto todo continua igual desde o

meu primeiro censo, em 1970. Devido a toda essa burocracia, o trabalho já começa no corre-corre, porque os recursos não chegam com a antecedência que deviam.

JC - Que sugestões você daria para a melhor realização dos próximos Censos?

Jussara - Numa operação conjunta como a deste Censo, jamais deixar de colocar um recenseador por setor. Essa é uma forma de compensar as desistências. Penso que o questionário do Censo Agropecuário deveria ser mais simples e que nessa pesquisa pudéssemos contar com a Emater (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural), pois eles conhecem bem a área rural de nosso País.

Acho importante também que a legislação dê mais liberdade para contratar pessoal e que as Dipeqs fossem unidades gestoras sempre e não somente no Censo. Isso para que estejamos prontos administrativamente para começar essas operações especiais.

Por fim, que o IBGE não sobrecarregue a rede com várias pesquisas ao mesmo tempo e que agilize a divulgação dos resultados finais das operações, pois somos muito cobrados por isso.

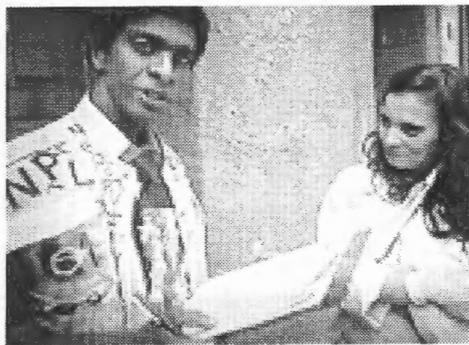
José Maria - É preciso uma mudança de leis para se fazer esse trabalho. Leis diferentes que eliminem a burocracia e dêem mais autonomia, como uma empresa privada. É uma operação gigante e você vai quase à loucura muitas vezes por não saber por onde começar. Com mais autonomia, recursos liberados a tempo e treinamentos com antecedência, os censos seriam ainda melhores.



Recenseando e andando com Casseta & Planeta

O casseta Hélio de La Peña, quem diria, já sentiu na pele o que é ser um recenseador. Para

gravar um quadro do programa Casseta & Planeta, que vai ao ar uma vez por mês na Terça Nobre da Rede Globo, Hélio criou o personagem



de um recenseador dos mais otimistas e determinados. A idéia era colocar no ar um assunto do qual todos já estão falando: a operação dos Censos 96. "Quando chegamos a fazer um quadro, é porque o assunto já está mesmo no domínio público", explica Hélio.

Na opinião dos cassetas, o Censo já caiu na boca do povo. E foi por isso que eles dedicaram ao tema três blocos, intitulados "Recenseando e Andando, que foram ao ar no programa do dia 3 de setembro", para fazer uma sátira do recenseamento deste ano.

Hélio de La Peña, disfarçado de recenseador, se embrenhou pelo Jardim Botânico, bairro da zona

sul do Rio de Janeiro, para bater de porta em porta. Ele conta que teve muita gente que não o reconheceu durante a gravação. "Teve uma senhora que ficou completamente de-

sesperada ao ver que eu estava querendo melhorar todas as respostas, como o número de cômodos da casa e a renda da família", diz.

A idéia de mostrar um recenseador otimista, a ponto de querer trocar as informações de famílias inteiras para mostrar um Brasil melhor, veio das próprias pesquisas divulgadas pelo IBGE, dando conta que o poder aquisitivo da classe

C, por exemplo, aumentou com o Plano Real. Daí para a realização do quadro humorístico, mostrando o Brasil que todo mundo quer, foi um pulo. "Nós queríamos mostrar um recenseador que representasse a idéia de que o Brasil melhorou", explica o humorista.

Embora ainda não tenha sido recenseado este ano, por estar morando em várias casas, porque a sua está em obras, Hélio contou com um aliado para dar um caráter mais verdadeiro ao personagem criado. "Um dia desses, encontrei um recenseador no elevador e pedi para dar uma olhadinha no questionário, para ter alguma idéia de que perguntas fazer. No início, ele relutou, mas acabou me



ajudando e dizendo algumas das perguntas básicas do Censo, como escolaridade e número de pessoas em cada casa", conta.

Você não recebeu algum exemplar do **JORNAL DO CENSO**? Não deixe de nos informar! Para isso, basta nos enviar cartas ou mensagens informando o(s) número(s) que você não recebeu. Ajude-nos a fazer esta publicação chegar a todos.

Jornal do Censo

Publicação quinzenal da
Fundação Instituto Brasileiro de
Geografia e Estatística, produzida pela
Coordenação de Operação do Censo /
Comunicação.

Rua General Canabarro, 666, sala 407,
Maracanã - Rio de Janeiro / RJ - 20271-201
Telefone: (021) 569-2043 r. 314e 315
Fax: (021) 284-2543
Endereço na internet:
<http://www.censo.ibge.gov.br>

e-mail:
censo@cddi.ibge.gov.br

Coordenadora do Projeto e Editora:
Micheline Christophe

Repórter:
Danielle Macedo
Colaboradores:
Carlos Alberto Júlio
Marlene Duarte

Projeto Gráfico e Diagramação:

Mauro Emílio Araújo

Editoração:

Heinz Prellwitz

Impressão e Circulação:

Gráfica do IBGE
Tiragem: 50.000 exemplares.
Permitida a reprodução das matérias e das
ilustrações desta edição, desde que citada a
fonte.